

ção das metas que o homem se colocava no final do século passado se contrapõe a regressão na distribuição da renda e a marginalização crescente de setores majoritários da população. Cada vez mais aumenta a distância para se chegar a uma sociedade moralmente justa e politicamente integrada.

Neste fim de século as grandes potências se integram entre si, através de três megamercados, dirigidos pelos Estados Unidos, pela Alemanha e pelo Japão. Fala-se de internacionalização da economia, de globalização das relações humanas, mas a realidade é paradoxalmente distinta. Os blocos que se integram o fazem para proteger-se, fechando-se aos demais. Será mais fácil para a Bélgica negociar com a França, mas muito mais difícil para a Argentina e a Índia venderem seus produtos para aqueles países. A prioridade norte-americana é comprar do México e do Canadá, taxando mais fortemente ainda os produtos do Brasil ou da China.

Se Portugal se fecha para os trabalhadores brasileiros, é simplesmente porque está na porta dos fundos da Comunidade Económica Europeia, que se ergue como uma fortaleza à entrada de imigrantes; assim, Portugal cumpre uma decisão continental, que vale contra brasileiros, turcos, tunisianos, paquistaneses. Isto é, vale a fa-

vor dos 20% do hemisfério norte e contra os 80% do hemisfério sul, que buscam trabalho porque o capital flui cada vez mais do sul para o norte. Para onde vai o capital, vão os candidatos ao trabalho.

Nesse quadro, que sentido há em se falar de direita e de esquerda? O desmoronamento da URSS e dos países socialistas do leste europeu teria decretado realmente o fim dessas alternativas? As sociedades pós-modernas, centradas na robótica e na informática, teriam mesmo desqualificado o movimento dos trabalhadores, justamente aquele em que sempre se apoiou a esquerda? Estaríamos condenados pelo “fim da história” ao capitalismo e ao liberalismo e, portanto, só no marco destas tendências é que seria possível pensar no destino da humanidade?

Perguntado sobre o sentido que ainda poderiam ter esses termos, direita e esquerda, no mundo contemporâneo, o filósofo italiano Norberto Bobbio respondeu:

“No nosso tempo, todos os que defendem os povos oprimidos, os movimentos de libertação, as populações esfomeadas do Terceiro Mundo são a esquerda. Aqueles que, falando do alto de seu interesse, dizem que não vêm por que distribuir um dinheiro que suaram para ganhar são e serão a direita. [...] Quem acredita que

